

A RECIPROCIDADE (1691)

*Roberto Curi Hallal
(2011)*

Mútuo, recíproco, solidário, dar e receber em troca, reciprocamente afetos, alternar, mutuar esperanças, olhares partilhados, gozos vivenciados, retribuir do mesmo modo, pagar na mesma moeda, combinar ajustes, outorgar ofertas mútuas, lançar a vontade da reciprocidade, ousar arranjos bilaterais, promover a vontade da troca, cortesias exaltadas, nutrir os sucos, alimentar regaços, conservar pelas raízes o encontro, trocar entre si valores, ajustar os meios de construir o **nós**.

Trata-se de fazer política para trocar o antagonismo pela parceria, de recuperar o assombro e a confiança, promover uma política de integração, de coesão, de renúncia aos privilégios, repartir o talento, amenizar o abuso de poder, abrir as jaulas para civilizar os animais pouco assumidos que somos.

A justiça se dá na humildade que reúne que convida e acolhe, e constrói a beleza, e convida a viver, e devolve um lugar para que a dor receba o amor com otimismo, sabendo que eles são iguais em lugares diferentes, que as ásperas histórias guardam instantes de amor enquanto a dor agasalha fetiches.

Jamais os humanizados pensam guardar concentrado o conhecimento destas coisas que pertencem aos quase humanos, embora elas pareçam dispersas criam uma ordem anarquicamente distribuída, embora desrespeitem as regras do jogo imposto inventam novos sonhos. No deserto os humanos plantam e colhem convertendo as confidências em práticas de repartição, o cruel abandono se faz revertido em denúncia e as debilidades em lições. Os humanos avisam dos perigos, exilam a solidão quando se aproximam para compartilhar animados nesse lugar onde todas as vozes se homenageiam ao se encontrar. Estabelecem solidariedades entre cantos e conversas, exercem práticas compartilhadas, recuperam territórios, voltam a significar o protagonismo e dar sentido à harmonia construída que permitirá aproximações e realizações comuns.

A extensão da carência, a solidão expressada na timidez, afeta concretamente as comunicações dispensa a demanda da reciprocidade naquele que recebe como se ele não tivesse o direito da volta comunicativa. Tal esta condição, motiva ruínas, promove estragos nas empatias, ofende o olho e a razão, nela se disfarça o descaso, nega o abraço e a acolhida tão necessitada para confluir no jogo que conhece as urgências.

Trata-se de concretas demandas, impostas sem abstrações, instrumentando as obrigações de resolver os efeitos e sacudir as causas. Reconhecer esses enredos exige não estar nesses apertos, ficando aprisionados sem saber dos seus direitos aqueles que neles estão comprometidos com a falta de critério.

Ali se conserva a alma com suas graças e direitos. Para evitar desprezos, salteiam as virtudes e os méritos que poderiam adoçar a amargura que os acompanha quando não são incluídos nestas celebrações das trocas e das construções. A reciprocidade exige mão-dupla nas redes e nas ganâncias, nos poderes e nas partilhas para juntos conseguir-se um grande benefício.

Não aceitar a renúncia, exige reter doçuras, frear opulências, revestir-se com atentas precauções para evitar a euforia e a rendição. Objetar a distribuição para saberem-se os limites toleráveis para a perda e o ganho. Nem a sobra nem a falta se fazem úteis para compor essa igualdade naquele que oferta e naquele que recebe.

Para acostumar-se com a vida, com a ferida, com a paixão, com a descoberta e a desapareição, para acostumar-se a não curar, para tratar presumindo que seja esta a essência da reciprocidade, para acostumar-se à mútua e compartilhada acolhida, presumo que todos se ofereçam para juntos lograr serem melhores.